**Divisão
poética
da
Literatura
brasileira**

Stefany Almeida

Era colonial

A Era colonial da literatura brasileira começou em 1500 e vai até 1808. É dividida em Quinhentismo, Seiscentismo ou Barroco e o Setecentismo ou Arcadismo. Recebe esse nome pois nesse período o Brasil era colônia de Portugal.

Quinhentismo

A Santa Inês

Cordeirinha linda,
Como folga o povo,
Porque vossa vinda
Lhe dá lume novo.
Cordeirinha santa,
De Jesus querida,
Vossa santa vida
O Diabo espanta.
Por isso vos canta
Com prazer o povo,

Porque vossa vinda

Lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura

Fugirá depressa,

Pois vossa cabeça

Vem com luz tão pura.

Vossa formosura

Honra é do povo,

Porque vossa vinda

Lhe dá lume novo.

Virginal cabeça,

Pela fé cortada,

Com vossa chegada

Já ninguém pereça;

Vinde mui depressa

Ajudar o povo,

Pois com vossa vinda

Lhe dais lume novo.

Vós sois cordeirinha

De Jesus Fermoso;

Mas o vosso Esposo

Já vos fez Rainha.

Também padeirinha

Sois do vosso Povo,
pois com vossa vinda,
Lhe dais trigo novo.
Não é de Alentejo
Este vosso trigo,
Mas Jesus amigo
É vosso desejo.
Morro, porque vejo
Que este nosso povo
Não anda faminto
Deste trigo novo.
Santa Padeirinha,
Morta com cutelo,
Sem nenhum farejo
É vossa farinha
Ela é mezinha
Com que sara o povo
Que com vossa vinda
Terá trigo novo.
O pão, que amassasses
Destro em vosso peito,
É o amor perfeito
Com que Deus amastes.

Deste vos fartasses,

Deste dais ao povo,

Por que deixe o velho

Pelo trigo novo.

Não se vende em praça,

Este pão da vida,

Porque é comida

Que se dá de graça.

Oh preciosa massa!

Oh que pão tão novo

Que com vossa vinda

Quer Deus dar ao povo!

Oh que doce bolo

Que se chama graça!

Quem sem ela passa

É mui grande tolo,

Homem sem miolo

Qualquer deste povo

Que não é faminto

Deste pão tão novo.

Seiscentismo ou Barroco

Prosopopeia- Bento Teixeira

Cantem Poetas o Poder Romano,
submetendo
Nações ao jugo duro;
o Mantuano pinte o Rei Troiano,
descendo à confusão do Reino escuro;
que eu canto um Albuquerque soberano,
da Fé, da cara Pátria firme muro,
cujo valor e ser, que o Céu lhe inspira,
pode estancar a Lácia e Grega lira.

As Déléficas irmãs chamar não quero,
que tal invocação é vão estudo;
aquele chamo só,
de quem espero a vida
que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
quanto fora sem ele tosco e rudo,
que por razão negar não deve

o menos quem deu o mais a míseros terrenos.

E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta
a Estirpe d'Albuquerque excelente,
e cujo eco da fama corre e salta do
Carro Glacial à Zona ardente,
suspendei por agora a mente
alta dos casos vários da Olindesa gente,
e vereis vosso irmão e vós supremo
no valor abater Querino e Remo.

Vereis um sinil ânimo arriscado
a trances e conflitos temerosos,
e seu raro valor executado
em corpos Luteranos vigorosos.
Vereis seu Estandarte derribado
aos Católicos pés vitoriosos,
vereis em fim o garbo e alto brio
do famoso Albuquerque vosso Tio.

Mas em quanto Talia no se atreve,
no Mar do valor vosso, abrir entrada,
aspirai com favor a Barca leve

de minha Musa inculta e mal limada.

Invocar vossa graça mais se deve
que toda a dos antigos celebrada,
porque ela me fará que participe
doutro licor melhor que o de Aganipe.

O marchetado Carro do seu Febo
celebre o Sulmonês, com falsa pompa,
e a ruína cantando do mancebo,
com importuna voz, os ares rompa.
Que, posto que do seu licor não bebo,
à fama espero dar tão viva trompa,
que a grandeza de vossos feitos cante,
com som que Ar, Fogo, Mar e Terra espante

Era Nacional

A Era Nacional da literatura brasileira começa em 1836 e dura até os dias atuais. Começa com o Romantismo e perpassa pelo Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo, Modernismo e o Pós-modernismo.

Recebe esse nome pois ela aconteceu após a Independência do Brasil, em 1822. Nesse período o nacionalismo é uma forte característica, notória na literatura romântica e moderna.

Romantismo

Navio negreiro- Castro Alves

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço

Brinca o luar — dourada borboleta;

E as vagas após ele correm... cansam

Como turba de infantes inquieta

'Stamos em pleno mar... Do firmamento

Os astros saltam como espumas de ouro...

O mar em troca acende as ardentias, — Constelações
do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos

Ali se estreitam num abraço insano,

Azuis, dourados, plácidos, sublimes...

Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas

Ao quente arfar das virações marinhas,

Veleiro brigue corre à flor dos mares,

Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos.

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,

E o vento, que nas cordas assobia.

Por que foges assim, barco ligeiro?

Por que foges do pávido poeta?

Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira

Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,

Tu que dormes das nuvens entre as gazas,

Sacode as penas, Leviathan do espaço,

Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

VI

Existe um povo que a bandeira empresta

P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...

E deixa-a transformar-se nessa festa

Em manto impuro de bacante fria!...

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta, Que
impudente na gávea tripudia?

Silêncio. Musa... chora, e chora tanto

Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais! ...

Da etérea plaga Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

Realismo

Soneto da fidelidade- Vinicius de Moares

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angustia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que e chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Naturalismo

Chuva atrasada- Carmen Gonçalves

Nunca nesta terra que nasci

Pareceu-me de chuva precisar

Pois ela que tudo vinha alagar,

Não deu mostras de mímica

Até esse ciclo começar.

Pois eis que depois de muitos dias

Sem que de sua graça desse mostra

(ainda que às vezes fizesse proposta)

A chuva decidiu nos presentear

Ventos sacudiram redes com criança,

Levantaram telhas, fizeram lambança,

Dizem que veio para castigar...

Eu digo que veio me refrescar!

O estrondo no telhado lembrou

O rufar à guerra, do tambor

Chamando índio para ir pescar!

Indício de mudança a chegar!

Chuva, amiga minha

Não vá devagarinha

Longe "assombrar"

Fica, te demora

Não quero ver a hora

Que vás outro molhar.

Parnasianismo

Ouvir Estrelas- Olavo Bilac

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pátio aberto, Cintila.
E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

Simbolismo

A Catedral- Alphonsus Guimaraens

Entre brumas ao longe surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.

A catedral ebúrnea do meu sonho
Aparece na paz do céu risonho
Toda branca de sol.

E o sino canta em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

" O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma áurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz.

A catedral ebúrnea do meu sonho,]
Onde os meus olhos tão cansados ponho,
Recebe a benção de Jesus.

E o sino clama em lúgubres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"
Por entre lírios e lilases desce

A tarde esquiva: amargurada prece

Poe-se a luz a rezar.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Aparece na paz do céu tristonho

Toda branca de luar.

E o sino chora em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O céu é todo trevas: o vento uiva.

Do relâmpago a cabeleira ruiva

Vem acoitar o rosto meu.

A catedral ebúrnea do meu sonho

Afunda-se no caos do céu medonho

Como um astro que já morreu.

E o sino chora em lúgubres responsos:

"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Pré-modernismo

Solitário- Augusto dos Anjos

Como um fantasma que se refugia]
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,
Eu fui refugiar-me à tua porta!

Fazia frio e o frio que fazia
Não era esse que a carne nos contorta...
Cortava assim como em carniçaria
O aço das facas incisivas corta!

Mas tu não vieste ver minha Desgraça!
E eu saí, como quem tudo repele,
- Velho caixão a carregar destroços -

Levando apenas na tumba carcaça
O pergaminho singular da pele
E o chocalho fatídico dos ossos!

Modernismo

Canto de regresso à pátria- Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 115

E o progresso de São Paulo.

Pós-modernismo

Saber viver- Cora Coralina

Não sei...

Se a vida é curta

ou longa demais para nós.

Mas sei que nada do que vivemos

tem sentido,

se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

colo que acolhe,

braço que envolve,

palavra que conforta,

silêncio que respeita,

alegria que contagia,

lágrima que corre,

olhar que sacia,

amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:

é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela não seja nem curta,

nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.